

SEMANA DA PÁTRIA 2018 A honestidade nas relações humanas

MATERIAIS DE APOIO

ENSINO FUNDAMENTAL II

Honestidade e reciprocidade: porque ser honesto mesmo quando os outros não são?

TEXTO 1

O modo de navegação social: a malandragem e o “jeitinho”¹

Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom senso e da coletividade em geral?

Num livro que escrevi – Carnavais, malandros e heróis –, lancei a tese de que o dilema brasileiro residia numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre leis que devem valer para todos e relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem. O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações sociais, que conduz ao pólo tradicional do sistema) Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada – mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal...

De fato, como é que reagimos diante de um “proibido estacionar”, “proibido fumar”, ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxaçoão injusta e abusiva que o Governo novamente decidiu instituir de modo drástico e sem consulta?

Nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra, somente para citar três bons exemplos, as regras ou são obedecidas ou não existem. Nessas sociedades, sabe -se que não há prazer algum em escrever normas que contrariam e, em alguns casos, aviltam o bom senso e as regras da própria sociedade, abrindo caminho para a

¹ DAMATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 1986. p. 93-107.

APRENDER POR INTEIRO NOS COMPLETA

corrupção burocrática e ampliando a desconfiança no poder público. Assim, diante dessa enorme coerência entre a regra jurídica e as práticas da vida diária, o inglês, o francês e o norte-americano param diante de uma placa de trânsito que ordena parar, o que – para nós – parece um absurdo lógico e social, pelas razões já indicadas. Ficamos, pois, sempre confundidos e, ao mesmo tempo, fascinados com a chamada disciplina existente nesses países. Aliás, é curioso que a nossa percepção dessa obediência às leis universais seja traduzida em termos de civilização e disciplina, educação e ordem, quando na realidade ela é decorrente de uma simples e direta adequação entre a prática social e o mundo constitucional e jurídico. É isso que faz a obediência que tanto admiramos e, também, engendra aquela confiança de que tanto sentimos falta. Porque, nessas sociedades, a lei não é feita para explorar ou submeter o cidadão, ou como instrumento para corrigir e reinventar a sociedade. Lá, a lei é um instrumento que faz a sociedade funcionar bem e isso – começamos a enxergar – já é um bocado! Claro está que um dos resultados dessa confiança é uma aplicação segura da lei que, por ser norma universal, não pode pactuar com o privilégio ou com a lei privada, aquela norma que se aplica diferencialmente se o crime ou a falta foi cometida por pessoas diferencialmente situadas na escala social. Isso que ocorre diariamente no Brasil, quando, digamos, um bacharel comete um assassinato e tem direito a prisão especial e um operário, diante da mesma lei, não tem tal direito porque não é, obviamente, bacharel... A destruição do privilégio engendrou uma justiça ágil e operativa na base do certo ou errado. Uma justiça que não aceita o mais-ou-menos e as indefectíveis gradações e hierarquias que normalmente acompanham a ritualização legal brasileira, que para todos os delitos estabelece virtualmente um peso e uma escala. Assim, aqui, todos podem ser primários ou não; e os crimes admitem graus de execução, estando de acordo com o princípio hierárquico que governa a sociedade. Sustento que é precisamente essa possibilidade de gradação que permite a interferência das relações pessoais com a lei universal, dando-lhe – em cada caso – uma espécie de curvatura específica que impede sua aplicabilidade universal que tanto clamamos e reclamamos.

[...]

A malandragem, como outro nome para a forma de navegação social nacional, faz precisamente o mesmo. O malandro, portanto, seria um profissional do “jeitinho” e da arte de sobreviver nas situações mais difíceis. Aqui, também, temos esse relacionamento complexo e criativo entre o talento pessoal e as leis que engendram – no caso da malandragem – o uso de “expedientes”, de “histórias” e de “contos-do-vigário”, artifícios pessoais que nada mais são que modos engenhosos de tirar partido de certas situações, igualmente usando o argumento da lei ou da norma que vale para todos, como ocorre no conto da venda do bilhete de loteria premiado. Aqui, o malandro deseja vender um bilhete premiado pela quarta parte do seu preço justo e arma uma situação onde será fatalmente a vítima. Mas o fato é que o comprador é que será roubado. A situação se arma precisamente pelo uso abusivo e desonesto das listas oficiais da loteria (que legitimam o prêmio) e pelos deveres de parentesco, que obrigam, na história do malandro, a uma viagem inesperada donde a necessidade de vender um bilhete premiado. Nessa estrutura típica de um conto-do-vigário, nota-se a mesma contradição entre a impessoalidade da loteria e da sorte e a personalidade das relações pessoais que se dão em vários níveis. O drama reside precisamente no modo especial de conjugar o pessoal com o impessoal.

[...]

Por tudo isso, não há no Brasil quem não conheça a malandragem, que não é só um tipo de ação concreta situada entre a lei e a plena desonestidade, mas também, e sobretudo, é uma possibilidade de proceder socialmente, um modo tipicamente brasileiro de cumprir ordens absurdas, uma forma ou estilo de conciliar ordens impossíveis de serem cumpridas com situações específicas, e – também – um modo ambíguo de burlar as leis e as normas sociais mais gerais.

[...]

APRENDER POR INTEIRO NOS COMPLETA

A malandragem, assim, não é simplesmente uma singularidade inconsequente de todos nós, brasileiros. Ou uma revelação de cinismo e gosto pelo grosseiro e pelo desonesto. É muito mais que isso. De fato, trata-se mesmo de um modo – jeito ou estilo – profundamente original e brasileiro de viver, e às vezes sobreviver, num sistema em que a casa nem sempre fala com a rua e as leis formais da vida pública nada têm a ver com as boas regras da moralidade costumeira que governam a nossa honra, o respeito e, sobretudo, a lealdade que devemos aos amigos, aos parentes e aos compadres. Num mundo tão profundamente dividido, a malandragem e o “jeitinho” promovem uma esperança de tudo juntar numa totalidade harmoniosa e concreta. Essa é a sua importância, esse é o seu aceno. Aí está a sua razão de existir como valor social.

Antes de ser um acidente ou mero aspecto da vida social brasileira, coisa sem consequência, a malandragem é um modo possível de ser. Algo muito sério, contendo suas regras, espaços e paradoxos...

Isso está bem de acordo com o que nos disse Pero Vaz de Caminha, no finalzinho de sua carta histórica, fundadora do nosso modo de ser, depois de dar ao rei as maravilhosas notícias da terra brasileira. Ali, naquele pedaço terminal e naquela hora de arremate, Caminha arrisca, malandramente, o seguinte: “E nesta maneira, Senhor, dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta terra vi. E, se algum pouco me alonguei, Ela me perdoe, pois o desejo que tinha de tudo vos dizer, mo fez por assim pelo miúdo. E pois que, Senhor, é certo que, assim neste cargo que levo, como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza. há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer graça especial, mande vir da Ilha de São Tomé a Jorge de Osorio, meu genro – o que dela receberei em muita mercê.”

E conclui Caminha, como até hoje manda o nosso figurino de malandragem: “Beijo as mãos de Vossa Alteza. Deste Porto Seguro de Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.

Será que é preciso dizer mais alguma coisa?

TEXTO 2



Toda honestidade será castigada²

“Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida”. Lembro a frase de Nelson Rodrigues para discutir os episódios de Rodrigo Caio, do goleiro Bruno e da torcida do Paraná

O brasileiro que se diz enojado com o festival de corrupção da política é o mesmo que condena a raríssima e solitária atitude de jogo limpo no futebol. Dá para entender? Vamos tentar. É o que se discutiu esta semana, em botecos e mesas redondas de TV, depois de um lance histórico: o zagueiro Rodrigo Caio, do São Paulo, livrou o atacante Jô, do Corinthians, de ser punido com um cartão amarelo. Sem alarde, foi até o árbitro, assumiu a culpa na jogada e anistiou o adversário. O Corinthians venceu por 2x0, domingo, em partida do Campeonato Paulista, no estádio do Morumbi.

Muita gente, óbvio, viu no ato de honestidade, um exemplo, a começar pelo técnico Tite, chefe de Rodrigo Caio na seleção brasileira. Entre os colegas de clube, no entanto, o atleta foi escanteado, definido, nos bastidores, como um “traíra”, um traidor na língua do futebolês. Herói e vilão, o bom rapaz de 23 anos, caipira do interior, provocou a maior resenha sobre ética no país da Lava Jato.

Os que condenam o gesto em campo se amparam no seguinte argumento: futebol é um drama à parte do que ocorre no Brasil. É apenas um jogo. Quem aplaude o boleiro, toma o esporte como espelho do país, não pode ser uma realidade paralela. E assim o debate rende até agora. Em alguns programas de televisão, quase leva a tapas e pontapés entre os comentaristas.

Fiquei imaginando o escritor Nelson Rodrigues (1912-1980), o nosso Shakespeare dos trópicos, na discussão. Ele sacaria, óbvio ululante, uma das suas sentenças hiperbólicas: “Muitas vezes é a falta de caráter que decide uma partida. Não se faz literatura, política e futebol com bons sentimentos.”

Acho a frase do meu guru da crônica esportiva genial, mas fechei com o Rodrigo Caio. “Fiz apenas o que deveria ser feito. Eu só falei para ele (o árbitro) que eu tinha pisado no Renan (goleiro do São Paulo), e não o Jô. Cada um com sua consciência”, disse. O atleta parecia assombrado com a repercussão de um gesto que deveria ser normal, normalíssimo, ora bolas.

No teatro futebolístico, o tio Nelson soube retratar isso como ninguém, o habitual é a trapaça, a enganação, o migué, o caô, o 171... No embate do jogo, um craque que daria razão ao zagueiro são-paulino seria o doutor Sócrates, o idealista do movimento da “Democracia Corinthiana”, nos anos 1980. Para o politizado jogador da seleção brasileira, o futebol -e toda a sua simbologia- deveria ser uma arma pedagógica nas escolas.

O futebol brasileiro não tem sido exemplar no gramado e menos ainda no comportamento dos dirigentes. O ex-presidente da CBF José Maria Marin está preso nos EUA. Sob a mesma denúncia de corrupção nos negócios do mundo da bola, o atual Marco Polo Del Nero teme ser preso e não consegue sair do país nem mesmo para acompanhar a vitoriosa seleção do Tite. Não à toa, o jornalista Juca Kfoury, velho combatente das picaretagens, deu outro sentido à sigla da entidade: CBF, Casa Bandida do Futebol. Pegou.

O gesto de Rodrigo Caio leva de goleada nesta partida contra os péssimos exemplos dos clubes e das torcidas. Mire-se no caso do goleiro Bruno adotado carinhosamente no Boa Esporte, time de Varginha (MG),

² SÁ, Xico. Toda honestidade será castigada. 2017. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/04/21/politica/1492796864_880533.html>. Acesso em: 26 ago. 2018.

APRENDER POR INTEIRO NOS COMPLETA

apesar de não ter cumprido ainda a pena por assassinato da sua mulher. Repare também no manifesto preconceituoso da torcida do Paraná Clube com os nordestinos do Vitória da Bahia, como relatado nesta reportagem do EL PAÍS Brasil. Estamos sujeitos ao mais vergonhoso 7x1 ético e moral. Toda honestidade será castigada.

TEXTO 5

VÍDEO 1

Assista abaixo:



Ou clique no link: <https://www.youtube.com/watch?v=au1OHk2c0ik>

Como somos antiéticos no dia a dia?³

“Nos eventos da escola, quando há cachorro-quente, muita gente fura a fila para pegar mais rápido”, conta Artur B., de 10 anos. Uma cena de natureza semelhante também já foi presenciada por Caio. “Já vi pessoas no mercado que recebem o troco errado e não fazem nada, levam embora”, lembra o garoto de 10 anos.

Em tempos em que a corrupção anda sendo muito discutida no país, fica a dúvida: furar fila, colar na prova e copiar a lição do amigo podem ser considerados atos corruptos? “O conceito de corrupção está originalmente ligado ao comportamento ilegal de alguém que trabalha na política”, explica a coordenadora da Olimpíada de História, Cris Meneguello.

“Essas atitudes cometidas pelas pessoas no dia a dia podem ser chamadas de ‘atos sem ética’, mas isso não os torna menos graves! A ética é um conjunto de valores que utilizamos para decidir o que é correto, justo e que não vai prejudicar outras pessoas”, explica Cris.

Em 2016, uma pesquisa feita com 3.500 pessoas, em 140 cidades brasileiras, mostrou que sete em cada dez brasileiros já haviam tido uma atitude antiética na vida. Ao todo, 67% dos entrevistados admitiram que já tinham comprado produtos piratas e 15% confessaram que já tinham usado carteirinha de estudante falsa.

Para a psicóloga Gisele Pinheiro, que dá aula de valores e cidadania no Colégio pH (RJ), essas pequenas atitudes irregulares podem não ser tão inofensivas quanto parecem. “A pessoa começa fazendo coisas pequenas e, no futuro, pode vir a fazer coisas piores. Quando isso acontecer, nem se dará conta de que prejudicou outros indivíduos. É algo que se torna natural”, diz Gisele.

Como combater atitudes sem ética Dicas de Gisele Pinheiro e Cris Meneguello

- Furar fila – mostre para a pessoa que ela está prejudicando alguém com esse comportamento.
- Copiar a lição do amigo – pergunte a si mesmo: “Será que eu estou aprendendo ao fazer isso? O que vou fazer quando precisar desse conhecimento para aprender outra matéria?”.
- Colar na prova – chame o colega que colou em um canto, diga que não concorda com a atitude dele e peça para não fazer aquilo novamente.
- Adultos que cometem atitudes antiéticas – fique atento às atitudes dos adultos ao seu redor e conteste quando perceber que estão fazendo algo errado.

Reportagem publicada originalmente na seção “Em Pauta” Edição 111 do Joca.

³ CATALDO, Joanna. Como somos antiéticos no dia a dia? Disponível em: <<https://jornaljoca.com.br/portal/como-somos-antieticos-no-dia-a-dia/>>. Acesso em: 27 ago. 2018.

APRENDER POR INTEIRO NOS COMPLETA

VÍDEO 2

Honestidade é um valor importante para os brasileiros

Acesse aqui:

<http://g1.globo.com/como-sera/noticia/2018/04/honestidade-e-um-valor-importante-para-os-brasileiros.html>

VÍDEO 2

Assiste aqui:



Ou acesse aqui: https://www.youtube.com/watch?v=wMrC0vWt_L8

Rua Valentim Zambonato, 85 - Erechim - RS
Cep 99700-392 | 54 3520 2400
colegiomarista.org.br/medianeira

 ColegioMaristaMedianeira



COLÉGIO MARISTA
MEDIANEIRA